

---

## REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO CAMPO

---

### MISSIONÁRIO CONGOANGOLANO DA

---

### ASSEMBLÉIA DE DEUS NO RIO DE JANEIRO\*

---

Marcia Denise Dutra Sias\*\*

Sandra Duarte de Souza\*\*\*

*Resumo: o presente artigo é fruto de pesquisa mais ampla junto à comunidade imigrante angolana e congoleza que compõe o Campo Missionário da Congregação da Assembleia de Deus de Boiúna, em Jacarepaguá, RJ, mais conhecida como Congregação dos Africanos. Essa comunidade está vinculada à 2ª Convenção Nacional das Assembleias de Deus (Conamad) no Brasil, Ministério de Madureira. Para esse artigo foram separados depoimentos de quatro mulheres participantes da congregação e também do pastor responsável, com o intuito de verificar quais são as representações de gênero dominantes naquele contexto e em que medida elas são afirmadas e/ou contestadas pelos sujeitos da pesquisa.*

*Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Cultura africana. Assembléia de Deus.*

**C**ongregação dos Africanos. Essa é a forma como é conhecida a modesta congregação da Assembléia de Deus de Boiúna, no bairro de Brás de Pina, no Rio de Janeiro. Conforme relato do pastor Laza, responsável pela comunidade, todos a identificam dessa maneira:

[...] você chega aqui e pergunta sobre a Igreja dos africanos, todo mundo já sabe. Por incrível que pareça, eu não pensava que alguns vizinhos me reconhecessem como pastor.

---

\* Recebido: 04.01.2012.

Aprovado: 13.01.2012.

\*\* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal. Psicóloga.

\*\*\* Doutora em Ciências da Religião. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Coordenadora do Grupo de Estudos de Gênero e Religião Mandrágora/Netmal.

Tem uma história um pouquinho interessante: um dia eu fui pego pela polícia voltando pra casa. Eu tinha acabado de sair da favela para visitar alguns irmãos. Me viram na favela, me perguntaram, eu respondi. Quando eles saíram com o carro da polícia e me viram na rua, me perguntaram se eu tinha ido comprar drogas. Disse que eu era pastor. Ainda assim me pediram para entrar no carro para ir até minha casa. Começaram a indagar as pessoas conferindo se realmente eu estava dizendo a verdade. Perguntaram para um senhor que estava sentado quem eu era, ele disse: ele é o pastor aí dos africanos. Não tinha a Igreja aqui. Não sei como aquele homem que eu não conhecia sabia. Depois é que eu soube que todo mundo aqui do bairro já me conhece.

A congregação se situa próximo à favela Cinco Bocas, local onde reside parte dos quase 400 congolese que vivem no Brasil, de acordo com a Caritas, ONG vinculada à Igreja Católica (GRELLET, 2009).

A Congregação dos Africanos reúne, além de pessoas provenientes do Congo, um número significativo de angolanos. O número é de aproximadamente 80 participantes, de acordo com o responsável pela comunidade, pastor Laza. Vale ressaltar que, durante a realização da pesquisa, entre dezembro de 2010 e abril de 2011, percebeu-se a presença de, aproximadamente, 30 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Os frequentadores são jovens, solteiros e, quando casados, normalmente o são com pessoas da mesma origem étnico-racial, com algumas exceções entre os homens. As razões que os motivaram a vir para o Brasil, mais precisamente para a cidade do Rio de Janeiro, foram questões relacionadas à guerra e aos conflitos políticos, questões de ordem familiar e outros fatores culturais.

É importante destacar a condição de imigrantes refugiados ou em busca de refúgio, da maior parte dos membros da congregação. Eles são parte do grande contingente de imigrantes africanos que tem se espalhado por todo o mundo. Em estimativa realizada em 2005 para os anos seguintes, o Fundo de População das Nações Unidas projetou o crescimento numérico de refugiados por todo o planeta de 2007 a 2008, prevendo um acréscimo de 10.5 milhões para 11.4 milhões de imigrantes forçados. Em relatório divulgado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas - ACNUR (2009), o número médio de refugiados no mundo permanece estável, cerca de 15,2 milhões, estando dois terços sob os cuidados do ACNUR. Mais da metade dos refugiados do mundo está em situação de refúgio prolongado, isto é, mais de cinco anos no exílio.

As mulheres e crianças têm sido os grupos mais afetados, correspondendo a quase metade da população dos imigrantes. Os dados das Nações Unidas divulgados em março de 2005, estimavam que naquela época havia cerca de 9.5 milhões de mulheres no mundo fora de seu país de origem (ZARATZ, 2007). Os fatores motivacionais para a migração seriam: questões econômicas, pois muitas são provedoras de suas famílias; a exploração sofrida com a desigualdade entre os sexos; ausência de empregos; exploração sexual; tráfico de mulheres e crian-

ças; perseguição política em países em guerra, entre outras. Essas situações levaram o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) a reconhecer mulheres e crianças como “grupo vulnerável” e, assim, criar recursos para atender às demandas dele provenientes, como o desenvolvimento de projetos de inserção social. Essas são situações reconhecidas e identificadas pelas comunidades internacionais, como “refúgio por motivo de gênero” (UNHCR, IMDH e CDHM, s/d, p.68). Isso indica que boa parte dos deslocamentos de mulheres e crianças no mundo está diretamente relacionada com sua “condição de gênero”.

O Brasil vem sendo apontado pelo ACNUR<sup>3</sup> como um dos países que mais recebem asilados. A declaração da Embaixadora da Boa Vontade do ACNUR, Angelina Jolie, ilustra tal fato:

O Brasil tem generosamente recebido migrantes e refugiados por décadas, e tem feito isso com respeito aos seus direitos e à sua dignidade humana. Em um mundo onde refugiados e estrangeiros são com frequência estigmatizados e marginalizados devido ao racismo e à xenofobia, nós temos muito que aprender com a positiva experiência brasileira em relação aos refugiados (BARRETO, 2010, p. 2).

Conforme a Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados, no ano de 2003, havia cerca de 3.000 refugiados no Brasil; destes, 33% eram mulheres. No mesmo ano, o país recebeu mais 400 solicitações de asilo para pessoas oriundas de aproximadamente 30 países. O maior grupo provém da África, sendo que em 2004 eram cerca de 1.500 refugiados angolanos.<sup>4</sup> Nos dias atuais o Brasil é o país que mais recebe refugiados do continente africano na América Latina e, desta totalidade, cerca de 30% são mulheres.

De acordo com dados extraídos do jornal Destak (AQUINO, 2010), existem 4.200 refugiados no Brasil. Atualmente, 2.280 residem na cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, 54% dos que vêm ao país para fugir dos conflitos comuns de quem vive a diáspora escolhem essa cidade como destino. Aydos, Baeninger e Dominguez (2008, p.8) justificam o número de angolanos no Rio de Janeiro ao afirmar que isso se deve: “principalmente ao fluxo muito marcado que o Rio de Janeiro recebeu entre 1991 e 1994 de migrantes refugiados Angolanos, que deixavam seu país com visto e ponte aérea direto para o Brasil”. Esta informação pode ser fundamentada na explicação dada por um de nossos entrevistados ao afirmar que, por ocasião da guerra em Angola, o Brasil era um dos países que estava concedendo o visto. A empresa aérea Varig era a única que fazia vôo direto Angola-Rio de Janeiro. Por esta razão, ele teria ido para a cidade do Rio de Janeiro, embora sua pretensão fosse ir para a Europa.<sup>5</sup>

O Rio de Janeiro é uma das rotas preferenciais dessa população. Além dos motivos acima, não se pode deixar de lado o fato de ser um importante centro urbano,

com as mais distintas possibilidades de sobrevivência. Os dados revelam que 50% dos refugiados moram em áreas urbanas, e não em assentamentos, porque os imigrantes necessitam de auto-sustentabilidade para manterem a si ou a suas famílias. Nesse caso, os grandes centros urbanos pressupõem maior chance de empregabilidade, seja de caráter formal ou informal, dando aos imigrantes certas garantias de maiores oportunidades.

Talvez isso explique a grande concentração de imigrantes africanos no Rio de Janeiro, estando boa parte concentrada em regiões periféricas como Brás de Pina<sup>6</sup>. O bairro se desenvolveu em meio à complexidade histórica que envolvia o surgimento e a consolidação das favelas. Brás de Pina possui cerca de 59.000 mil habitantes e é cercado por três favelas: Quitungo, Cinco Bocas e Vila do Pequim.<sup>7</sup>

É nessa região que se situa a Congregação da Assembleia de Deus de Boiúna. A adesão a essa comunidade é singular. Nem todos os adeptos eram evangélicos quando estavam em seus países de origem, mas ao chegar ao Rio de Janeiro, em função da identidade étnica, terminaram aderindo à igreja. Dentre os fatores destacados pelo pastor e pelos adeptos para a adesão ao grupo, estão: o Lingala, idioma africano utilizado nos cultos; a liturgia, em especial a dança, os cânticos, e a louvação; bem como a figura do líder, identificado como pai e conselheiro pelos adeptos. Esses fatores contribuíram enormemente para o surgimento do Campo Missionário Congoangolano. Segundo o pastor Laza, ele saiu batendo de porta em porta para que uma parte de imigrantes congolezes e angolanos, residentes no Rio de Janeiro, pudesse ter um espaço identitário para expressar elementos de sua cultura. Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar esse espaço como um pedaço da África no Brasil: “para mim, eu me sinto em casa, na África, porque cantamos, dançamos e falamos a nossa língua, com meus amigos. É um pedaço da África” (entrevista realizada em 04/04/11).<sup>8</sup>

## A DINÂMICA DE GÊNERO NA CONGREGAÇÃO DOS AFRICANOS

A Congregação dos Africanos possui uma participação ativa de homens e mulheres. Conforme indicamos anteriormente, o pastor afirmou que a comunidade tem cerca de 80 participantes, mas nas várias visitas a campo não se observou número superior a 30. A frequência das mulheres nos cultos é um pouco maior, se comparada à dos homens: cerca de 18 a 20, enquanto o número de homens varia entre 12 e 15.

As histórias de vida de homens e mulheres que frequentam a comunidade foram tecidas com muita dor e sofrimento. Dentre as mulheres não são raros os relatos de abuso sexual experimentados em meio aos conflitos políticos de seus países de origem. Na República Democrática do Congo, apenas para exemplificar,

cerca de 200 mulheres foram vítimas de estupro por tropas congolezas, entre os dias 10 e 13 de junho de 2011, e, deste então, sofrem repúdio dos maridos e isolamento social. Isso aconteceu na região de Kivu do Sul, tendo sido denunciado às autoridades competentes por médicas da mesma província. Houve denúncias de que em povoados vizinhos outras 120 mulheres foram estupradas. Desde 2009, tropas armadas chegam às aldeias exigindo comida, dinheiro, armas entre outras coisas (FRANCE PRESSE, 2011).<sup>□</sup>A violência sexual tem sido uma das principais armas utilizadas contra os direitos das mulheres no contexto dos conflitos no Congo. Algumas das mulheres que frequentam a congregação relataram terem sido vítimas de abuso sexual por ocasião desses conflitos.

Uma jovem congoleza de 25 anos, participante da Congregação dos Africanos, nos contou um pouco de sua história:

Eu era judoca no meu país (Congo). Estava de viagem marcada para o Rio de Janeiro, para participar do campeonato mundial. Dias antes, um grupo de soldados invadiu minha casa e manteve refém toda minha família. Durante a invasão, eles me obrigaram a manter relações sexuais com meu irmão. Mesmo assim, quando saíram, fui para o aeroporto viajar, na esperança de conseguir encontrar a delegação no Rio de Janeiro. Na viagem conheci um congolês que me colocou medo, dizendo ser perigosa a cidade do Rio e me disse para entregar toda a documentação que iria me ajudar a encontrar o grupo do meu país. Ao chegar, ele sumiu, fiquei sem nada. Dormi nas ruas. Até que um dia uma pessoa me encaminhou para a Cáritas.

Essa mulher experimentou uma série de violações: teve sua casa invadida; sua família foi rendida; ela foi estuprada, pois foi obrigada a manter relações sexuais contra a sua vontade; foisubmetida a incesto, o que é culturalmente abominado em seu contexto; e ainda foi renegada pela família. No trajeto para o Brasil foi enganada e roubada, e viveu a precariedade e os perigos da rua.

Também são vários os relatos de mulheres que tinham uma condição social razoável em seu país, mas que, por força dos conflitos ou por problemas familiares, deixaram tudo, fugiram para o Brasil e estão buscando um novo começo:

- No Congo sou contadora, trabalhei nesta profissão. Aqui [no Rio de Janeiro] sou cabeleireira. Aprendi a profissão com um africano.
- Tenho um salão de cabeleireira próximo a minha casa. Aprendi aqui no Brasil.
- No meu país tinha uma vida boa, meu marido tinha muito dinheiro. Falo três línguas; inglês, francês e português.

Uma parte significativa das mulheres angolanas e congolezas entrevistadas possui curso superior e tinha uma condição econômica relativamente boa em seu país de origem. O problema é que elas não conseguem obter reconhecimento no Brasil por seus cursos não atenderem às exigências do MEC (Ministério da Educação e

Cultura) ou por não terem condições de apresentar documentações que comprovem a escolaridade, pelas circunstâncias com que deixaram seu país. Por esta razão, muitas aprendem, com outros africanos, o ofício de cabeleireira, mantendo uma rede de trabalho no próprio agrupamento étnico.

O Brasil é apontado pelas entrevistadas como uma terra de oportunidade. Mas essa oportunidade não tem a ver exclusivamente com questões financeiras. Uma série de paradigmas culturais são colocados em cheque, em especial aqueles que têm a ver com as representações de gênero dominantes na cultura africana. As culturas angolana e congoleza são predominantemente patriarcais. Os homens são considerados autoridade primeira e têm maior autonomia, sendo menos controlados socialmente. As mulheres estão mais sujeitas às normas sociais, sendo frequentemente lembradas de seu papel pela autoridade masculina, seja o pai, o irmão, o marido ou o líder religioso. Existe um forte controle sobre os corpos femininos, em especial no que se refere à sexualidade e à fertilidade. Isso tem influência direta sobre o lugar social das mulheres. O depoimento de uma de nossas entrevistadas é bastante elucidativo:

Me acho uma mulher corajosa, por ter tido um filho fora do meu país (Angola). Eu era casada e não conseguia ter filhos. Então, recebia pressão de todos: família, esposo, amigas... Devido a tudo isso, era considerada estéril. Não aguentei, fugi do país, vim para o Brasil e hoje tenho meu filho. Trabalho como autônoma, cabeleireira( angolana- 29 anos de idade. 20/03/11).

A representação das mulheres como aquelas que foram feitas para casar, ter filhos, serem as cuidadoras do lar e obedecerem seus maridos, está fortemente arraigada na mentalidade de congolezes e angolanos, a ponto de nossa entrevistada afirmar que essa foi a grande motivação para sua saída do país. O verbo utilizado foi “fugir”, o que indica a gravidade da questão.

O contato com a cultura brasileira terminou gerando algumas tensões e questionamentos da estrutura patriarcal africana. Apesar de também fortemente patriarcal, a sociedade brasileira tende a ser mais flexível se comparada às sociedades africanas. Isso não significa que as representações acima citadas a respeito das mulheres não façam parte do imaginário brasileiro, mas indica que em terras brasileiras as mulheres africanas têm encontrado maiores possibilidades de negociação de seu *status* enquanto mulheres.

Não podemos nos esquecer, porém, que a própria comunidade religiosa em questão – Assembleia de Deus – é profundamente patriarcal, dando pouca margem de negociação e participação para as mulheres. O campo pesquisado explicitou o lugar secundário das mulheres na estrutura religiosa. O pastor Laza afirmou que as mulheres têm uma participação efetiva na vida da igreja, o que as colocaria em posição de destaque. Suas funções estariam voltadas para a recepção de pessoas nos cultos; a manutenção da igreja no que concerne à limpeza, arru-

mação etc.; a ajuda na organização das festas e o acolhimento dos imigrantes. Isso pode ser constatado nos depoimentos abaixo:

- Sou obreira: cuido da limpeza e recepção das pessoas que aqui chegam. Sinto-me bem por estar servindo a Deus e as pessoas. (congolesa- 26 anos- data: 13/03/11)
- Gosto de estar nesta igreja, pois me sinto útil. Ajudo na limpeza, na preparação das comidas em dias de festas. Em tudo que o pastor pedir. Gosto daqui porque me sinto na África ( angolana-31 anos de idade- data: 20/03/11).

As mulheres não podem ser dirigentes do culto, e na Assembleia de Deus (ministério Madureira) não há ordenação de mulheres a pastoras. Geralmente, cabe a elas a função de orar, interceder, visitar os enfermos, profetizar e entregar uma revelação, mas não necessariamente uma função que corresponda a algo que eminentemente expresse a transformação da representação social predominante do feminino. A hierarquia se apresenta de maneira bem definida: o pastor é o líder a ser obedecido. Nas palavras dele: “eu peço, elas fazem” (entrevista em 10/04/11).

Por outro lado, como afirmamos, isso não se dá sem tensão. Podemos identificar fissuras no sistema de poder patriarcal da comunidade a partir da própria fala do pastor, ao revelar as dificuldades das mulheres em relação à obediência ao líder religioso, por já existir no discurso das mesmas uma fala emancipatória em relação à cultura de origem:

Na África (Congo), quando o mais velho fala a pessoa abaixa a cabeça. Então, tem muitos africanos que pegam esse costume daqui, você pode falar e ele não abaixa a cabeça não [...] as mulheres, principalmente, porque acha que tudo é machismo. Para o nosso povo não é (...) Alguns interpretam errado e dizem que a mulher é menosprezada e não é isso, é bíblico. ‘Mulheres, amai vossos maridos’, é bíblico. (entrevista com pastor titular em 06/03/11).

O pastor continua e no decorrer de sua fala percebemos que sua grande preocupação estava no dismantelo da estrutura de poder por meio da contestação de sua autoridade. A não obediência ao líder implica perda de legitimidade e, portanto, perda do poder. O apelo ao resgate da africanidade é, na verdade, apelo ao resgate de uma representação do sujeito africano como sujeito dócil e obediente ao líder. Essa representação é ainda mais forte quando se trata das mulheres:

Então o que acontece, como tem muita gente aqui que já tem o costume brasileiro e tem o costume africano, ficar no meio desses dois costumes, a pessoa fica bem complicada. Aqui as pessoas falam e têm... (pausa) as pessoas têm aquela liberdade. No Congo, temos a obrigação de obedecer ao líder. O líder tem que saber manejar isso muito bem (...).

O povo africano que mora no Brasil não é totalmente africano e nem totalmente brasileiro. Eles pegam alguns costumes daqui que fazem com que as coisas se tornem difíceis. O africano em si, quando o mais velho fala, ele abaixa a cabeça. O brasileiro não. Então, tem

muito africano que tem esse costume hoje. Pega o costume daqui e não abaixa a cabeça, não. Nós nascemos nos lares em que o pai falava e a mãe abaixava a cabeça e ficava caladinha. Aqui não é assim (entrevista realizada em 06/03/11).

Por outro lado, a Congregação dos Africanos tem sido um espaço de enfrentamento das demandas de ordem subjetiva para muitas mulheres que dela participam, pois trata-se de um lugar de ressignificação e reordenamento da vida diante das perdas experimentadas pelo processo migratório e de aculturação, atenuando os impactos promovidos pelas rupturas a que são submetidas.

A adesão religiosa possibilita a escuta, o acolhimento, o apoio, que fazem com que os atores sociais se sintam amparados, solidários à dor, à fome, ao frio, à indiferença, ao abandono e ao desamparo. O pastor se transforma no grande conselheiro, no pai cuidador:

- O pastor pra mim é como um conselheiro (congolesa- 26 anos- data: 13/03/11)
- O pastor pra mim é como um pai, conselheiro. Não estou envolvida em nenhuma atividade na igreja. Mas, sinto-me acolhida e amparada aqui [na igreja] ( angolana- 29 anos de idade- data: 20/03/11).

A família, como base da estabilidade da sociedade africana, possui um significado mais abrangente e, portanto, os laços familiares se estendem para além da filiação paterna e materna, bem como dos laços de consanguinidade. Sob esse ponto de vista, a abrangência do sentido de pertencimento a uma família possibilita ao pastor se instituir como o pai, mesmo para aqueles que não fazem parte da igreja. São processos de organização da vida, para os quais não há o sentido de invasão ou de intromissão. Por esta razão, o pastor afirma: “quando há um conflito, eles me chamam e eu acabo com o conflito” (entrevista em 06/03/2011).

No contexto africano, o pai possui a função de conduzir a família, constituindo-se como elemento fundante da lei, da intervenção, responsável pela proteção, interdição e, portanto, por seu reordenamento. Na condição de pai, o líder consegue estabelecer uma reorganização da comunidade religiosa como um clã. Assim, estabelece a constituição de laços familiares forjados para além da filiação paterna. São laços clânicos. Vale ressaltar que é o pai que ajuda, acolhe, sustenta aqueles que não possuem autonomia, estabelecendo um vínculo ao mesmo tempo de sustentação da identidade cultural. (SERRANO e WALDMAN, 2008, p. 137)

Para as frequentadoras da Congregação Africana, isso faz toda a diferença, pois em meio ao sem sentido da diáspora, à desterritorialização, à fragmentação dos laços familiares e ao desafio de um novo começo, a igreja e seu pastor se apresentam como um porto seguro. Essa situação, no entanto, não inibe o questionamento da autoridade do líder, o que nos parece ser um indicador do processo de ressignificação das próprias representações de gênero presentes no campo.

REPRESENTATIONS OF GENDER IN THE MISSION  
FIELD CONGOANGOLANO OF ASSEMBLÉIA  
DE DEUS IN RIO DE JANEIRO

*Abstract: this article is based on more extensive research by the Angolan and Congolese immigrant community that makes up the Congregation of the Mission Field of the Assembly of God Boiúnain Jacarepagua, RJ, better known as the Congregation of Africans. This community is linked to National Convention of the Assemblies of God in Brazil (Conamad), Ministry of Madureira. For this article were four separate testimonies of women participating in the congregation and the pastor in charge, in order to verify which are the dominant representations of gender in that context and to what extent they are asserted and /or challenged by the research subjects.*

*Keywords: Gender. Women. African culture. Assembléia de Deus.*

Notas

<sup>1</sup> A pesquisa maior refere-se à dissertação de mestrado de Marcia Sias, sob a orientação de Sandra Duarte de Souza. A dissertação teve como título Associativismo religioso e os imigrantes africanos: O caso do Campo Missionário Congoangolano da Assembleia de Deus na cidade do Rio de Janeiro (SIAS, 2011).

<sup>2</sup> Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) tem como finalidade assegurar os direitos e o bem-estar dos refugiados; garantir que qualquer pessoa possa exercer o direito de buscar e gozar de refúgio seguro em outro país e, caso assim deseje, regressar ao seu país de origem; intervir em benefício de outros grupos de pessoas, entre os quais se destacam os apátridas, as pessoas cuja nacionalidade é controversa e as pessoas deslocadas dentro do seu próprio país (deslocamentos internos). Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/a-missao-do-acnur/>. Acesso em 15mar.2011.

<sup>3</sup> Informações extraídas de matéria do site da Agência da ONU para os Refugiados com o título: Brasil -estatísticas e outros dados de interesse, de 2004. Disponível em: [http://www.onu-brasil.org.br/agen-cias\\_acnur.php](http://www.onu-brasil.org.br/agen-cias_acnur.php). Acesso em 3nov.2010.

<sup>4</sup> Esta informação foi concedida por um dos entrevistados, de nacionalidade angolana, no Campo Missionário Congoangolano da Assembleia de Deus, em 13mar.2011.

<sup>5</sup> Curiosamente, o nome do bairro deve-se ao antigo proprietário português Brás de Pina, que tinha um engenho de açúcar no século XVIII. Enquanto foi dono, construiu um cais dos mineiros para escoar tanto os açúcares quanto o azeite de baleia usado na iluminação pública. O contrato era monopólio real datado de antes de 1639. As terras se estendiam até as margens da baía da Guanabara, o que lhe favoreceu o contrato de pesca das baleias. Esta informação foi extraída de um artigo denominado “Subúrbio cultural: Brás de Pina, a princesinha da Leopoldina”. Disponível em: <http://www.originaldobras.com.br/suburbio-cultural.htm>. Acesso em: 28mar. 2011.

<sup>6</sup> Dados extraídos do site oficial da Prefeitura do Rio de Janeiro, que contém uma síntese das informações sobre a cidade, seus 160 bairros e as 33 regiões administrativas. Permite uma visão geral dos seguintes temas: território e meio ambiente; população; domicílios; saúde; educação; imóveis; ocupação; renda e tributos. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/default.htm>. Acesso em: 20mar.2011.

<sup>7</sup> Depoimento dado à pesquisadora por um dos membros da Igreja, que faz parte do grupo da música, tem 20 anos de idade e está no Rio de Janeiro há dois anos.

<sup>8</sup> As mulheres que sofreram abuso sexual têm recebido ajuda psicológica de uma ONG. O psicólogo que lhes presta atendimento, Eugène Byamoni, tem buscado ajuda junto aos sábios das tribos para sensibilizar os maridos a aceitarem as mulheres de volta (FRANCE PRESSE, 2011).

#### Referências

AQUINO, Elis de. Maioria dos refugiados escolhe o Rio para morar. *Jornal DESTAK402*, ano 3, 29 de março de 2010.

AYDOS, Mariana; BAENINGER, Rosana; DOMINGUEZ, Juliana Arantes. Condições de Vida da População Refugiada no Brasil: trajetórias migratórias e arranjos familiares. Trabalho apresentado no III Congresso da Associação Latino Americana de População. Córdoba: 2008. Disponível em: <[http://www.migrante.org.br/artigo\\_sobre\\_refugiados\\_2008\\_mrj.pdf](http://www.migrante.org.br/artigo_sobre_refugiados_2008_mrj.pdf)>. Acesso em: 9 mar. 2011.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (Org). *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010.

GRELLET, Fábio. Um pedaço do Congo no Rio. *Folha de S. Paulo*, 02 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0208200916.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

FRANCE PRESSE. Congolezas estupradas por rebeldes são repudiadas pelos maridos. *Correio Brasileiro*. Disponível em: <[http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/mundo/2011/07/05/interna\\_mundo,259791/congolezas-estupradas-por-rebeldes-sao-repudiadas-pelos-maridos.shtml](http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/mundo/2011/07/05/interna_mundo,259791/congolezas-estupradas-por-rebeldes-sao-repudiadas-pelos-maridos.shtml)>. Acesso em: 29 dez. 2011.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2008.

SIAS, Marcia Denise Dutra. *Associativismo religioso e os imigrantes africanos: O caso do Campo Missionário Congoangolano da Assembleia de Deus na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011.

UNHCR; IMDH; CDHM. *Políticas públicas para as migrações internacionais: migrações e refugiados*, s/d. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dht/livro\\_migracoes\\_fantazzini.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dht/livro_migracoes_fantazzini.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2011.

ZARATZ, Eduardo (Org). *Políticas públicas para as migrações internacionais: migrantes e refugiados*. Brasília: UNHCR/ACNUR, IMDH, Comissão de Direitos Humanos e Minorias, 2007.